



Contribuições da Orientação à Queixa Escolar:

aprimoramento do trabalho de uma instituição social na Comunidade do Jardim São Remo

Rita De Cássia Akinaga Cordeiro
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
São Paulo, 2017



RESUMO

CORDEIRO, Rita de Cássia Akinaga. **Contribuições da Orientação à Queixa Escolar: aprimoramento do trabalho de uma instituição social na Comunidade do Jardim São Remo**. 2017. Monografia (Aperfeiçoamento em Orientação à Queixa Escolar) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

Este trabalho tem como objetivo narrar experiências vividas e reflexões que foram feitas durante o Curso de Aperfeiçoamento em Orientação à Queixa Escolar, oferecido pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Além das teorias apresentadas durante as aulas, este curso tem um caráter prático com atendimentos às crianças, adolescentes e adultos com queixas escolares e supervisões destes atendimentos. Todas essas experiências potencializam a atuação do psicólogo na instituição em que ele atua, ampliando sua visão para além desta criança que faz parte de um campo de relações tanto na escola, quanto na família, no bairro em que mora e em seu contexto sócio econômico cultural. A instituição educacional que apresentaremos neste trabalho é o Espaço Girasol, que está localizada na comunidade de São Remo, vizinha à Cidade Universitária e que atende atualmente 60 crianças de 06 a 10 anos, alunos do Ensino Fundamental, no período complementar à escola.

Palavras chaves: queixa escolar, instituição educacional, Jardim São Remo.

SUMÁRIO

1	Introdução	3
2	O campo de atuação: a Associação Metodista Livre Agente	5
	2.0.1 Espaço Girassol	8
3	Estudo de caso	10
	3.0.1 Visita à escola de E.	27
4	Considerações Finais	32
5	Bibliografia	35
	Anexo A – O poeta aprendiz	37



1 INTRODUÇÃO

“A beleza de ser um eterno aprendiz”.
(O que é, o que é? – música de Gonzaguinha)

Este trabalho tem como objetivo narrar experiências vividas e reflexões que foram feitas durante o Curso de Aperfeiçoamento de Orientação à Queixa Escolar, oferecido pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP).

Além das teorias apresentadas durante as aulas sobre a questão das queixas escolares (Patto,1990; Souza,1996; Moysés, 2001; Gonçalves, 2010; Souza, 2010) este curso tem um caráter prático com atendimentos a crianças, adolescentes e adultos com queixas escolares e supervisões destes atendimentos.

Todas essas experiências potencializam a atuação do psicólogo na instituição em que ele atua, ampliando sua visão para além desta criança que faz parte de um campo de relações tanto na escola, quanto na família, no bairro em que mora e em seu contexto socioeconômico e cultural.

O espaço de atuação apresentado neste trabalho trata-se de uma instituição social, com foco na Educação Integral de crianças de 6 a 10 anos, no período complementar à escola, local onde realizo trabalho voluntário há pelo menos 12 anos.

A instituição está localizada na comunidade do Jardim São Remo, vizinha à Cidade Universitária e atende atualmente 60 crianças matriculadas no primeiro ciclo do Ensino Fundamental, nas escolas públicas da região. O Projeto Girassol, como é conhecido na comunidade, busca oferecer atividades lúdicas e significativas, auxiliando o trabalho da família e da escola na garantia do pleno desenvolvimento das crianças.

Como voluntária, participo de diversas iniciativas da organização (contação de histórias, acompanhamento escolar, formação de educadores, visitas às escolas, coordenação do grupo de artesanato, etc.) e recentemente tenho atendido à demanda das crianças que



apresentam dificuldades de aprendizagem. São crianças que estão no último ano do primeiro ciclo do Ensino Fundamental, mas que ainda têm dificuldades na escrita e na leitura.

A partir do curso de Orientação à Queixa Escolar, pude refletir um pouco mais sobre essas questões e, neste trabalho de conclusão, pretendo apresentar parte das experiências realizadas com uma das crianças ao longo do primeiro semestre de 2017.



2 O CAMPO DE ATUAÇÃO: A ASSOCIAÇÃO METODISTA LIVRE AGENTE

O Espaço Girassol é um dos projetos da Associação Metodista Livre Agente, que atua desde 1993 na Comunidade do Jardim São Remo.

Essa Associação nasceu na Igreja Metodista Livre que fica no bairro da Saúde, uma igreja fundada por missionários japoneses que vieram para o Brasil preocupados em cuidar e acompanhar os imigrantes que aqui estavam morando.

A história da Associação Agente começou quando um senhor - que frequentava a igreja da Saúde e trabalhava na Avenida Corifeu em seu escritório de advocacia e imobiliária - foi procurado por uma moradora de São Remo. O barraco de madeira em que Maria morava havia caído com a chuva e ela precisava de ajuda, por isso, foi procurar o Sr. Mutushi. Ele conversou com algumas pessoas de sua igreja para pensar sobre o que poderiam fazer, como cristãos, para ajudar essa moradora.

Desta forma, este grupo se aproximou de Maria e da Comunidade de São Remo. No início, promoveram conversas com os moradores e o levantamento das necessidades. Algo apontado nestas conversas foi a dificuldade que algumas crianças tinham na escola, então, a primeira ação foi ajudar crianças com aulas de reforço, utilizando a casa de uma moradora e o trabalho de voluntárias da igreja.

Aprofundando as conversas, verificou-se que essas crianças não tinham acesso à Pré-Escola, pois a demanda da região era grande e a oferta de vagas muito pequena. Com o esforço deste grupo de voluntários, começou a nascer um trabalho de educação mais contínuo, com oferta de vagas para crianças de 4 e 5 anos, na sala da Associação de Moradores do Jardim São Remo. Eram duas turmas, uma no período da manhã e outra à tarde. Os custos eram levantados com um sistema de apadrinhamento, isso é, pessoas que frequentavam a igreja da Saúde, começaram a contribuir regularmente, para que essas crianças tivessem acesso à Pré-Escola. Alguns padrinhos continuam a contribuir até hoje.



O sonho do grupo de voluntários envolvidos neste trabalho era ter uma sede própria para desenvolver projetos de longo prazo. Assim, uma instituição social foi formalmente constituída, com o nome de Associação AGENTE, pois o desejo é que as crianças que participassem dos projetos, pudessem se desenvolver de maneira satisfatória, tendo boas oportunidades de educação e convivência e que elas também se tornassem Agentes de transformação, assim como consta na declaração de missão da instituição:

Nossa missão é potencializar a inclusão de pessoas do Jardim São Remo por meio de ações de valorização da vida, permitindo que os beneficiados sejam multiplicadores dessas ações, tornando-se também agentes de transformação (ASSOCIAÇÃO METODISTA LIVRE AGENTE, 2017).

Por volta de 2000, um havaiano visitou São Paulo a fim de ajudar financeiramente um projeto social. Após passar por um acidente que quase lhe tirou a vida, ele percebeu que havia deixado de lado seu sonho de juventude de contribuir com algum projeto social quando ele tivesse com a vida estável. Veio, então, ao Brasil buscando instituições que precisassem de ajuda financeira.

Ele se encontrou com algumas pessoas que estavam envolvidas no trabalho de São Remo, foi visitar a comunidade e mesmo, vendo que a Associação Agente ainda era bem pequenina, quis ajudar. As mulheres da comunidade não acreditaram muito quando o conheceram e o ouviram dizer que iria ajudar a comprar um terreno para construir uma sede para a Associação.

Mas de fato, algo que era tão difícil como encontrar um local dentro da comunidade para se construir um prédio, aconteceu. Conseguiram achar um local, que era um bar com um inquilino que morava nos fundos e depois de algumas negociações o proprietário e o inquilino concordaram em vender o terreno. Desta forma, a Associação começou a ter um local próprio.

Naquela época (entre os anos de 2003 e 2004), a Associação Agente já estava mais bem estruturada e pode fazer a reforma do local, para ser uma Pré- Escola, contratar professores, diretora e funcionários para a limpeza e cozinha.

Depois de instalada no novo prédio, a instituição também contou com uma importante parceria com a Missão Aliança, uma organização missionária fundada em 1901 na Noruega e que apoia projetos em vários lugares do mundo. A missão passou a ajudar no financiamento dos custos do projeto de Educação Infantil e na capacitação da equipe de profissionais que atuavam na Associação.



Em 2008, iniciou-se um convênio com a prefeitura de São Paulo para atender a comunidade em sistema de creche (CEI- Centro Educacional Infantil). Como já trabalhavam com as crianças de 5 anos, eles continuaram a atender essa classe em período parcial, e as demais crianças, com 3 e 4 anos, em período integral.

No final de 2010, a Prefeitura indicou que, a partir do ano seguinte, os CEIs conveniados atuariam apenas com crianças de 2 e 3 anos, ou seja, não mais atenderiam crianças em idade pré-escolar.

A diretoria da Associação Agente não ficou satisfeita com essa decisão, pois avaliava que o objetivo de atender as crianças durante um tempo mais longo, acompanhar o desenvolvimento delas, estreitar o relacionamento com as famílias, estava cada vez mais distante, trabalhando com as crianças tão pequenas e por um período tão curto (apenas 1 ou 2 anos).

Assim, outras iniciativas começaram a surgir, como o grupo de artesanato para as mulheres da comunidade, que está relatado no livro *Delinearte – Costurando Histórias* (MATUDA, CORDEIRO, 2016); o Agente Joga (projeto de futebol), o PAPO Jovem (programa de incentivo ao jovem que quer cursar uma universidade) e a alfabetização de adultos (MOVA – convênio firmado com a prefeitura em 2010).

No segundo semestre de 2012, decidiu-se que haveria o término do convênio com a prefeitura para o CEI e, a partir de 2013, iniciou-se o projeto Espaço Girassol, com o objetivo de atender crianças de 6 e 7 anos, que estavam no primeiro ano de Ensino Fundamental, no horário complementar ao escolar.

Foi um período difícil, pois, sem a verba da Prefeitura, a associação teve que diminuir o quadro de funcionários e conseguiu atender apenas uma turma com 18 alunos no primeiro ano do Espaço Girassol. O desejo era acompanhar esses alunos por 4 anos consecutivos.

Apesar das dificuldades, a instituição se abriu para novas parcerias, como a vinda de duas estagiárias do Instituto de Psicologia da USP (IPUSP) que, acompanhadas pela Profa. Dra. Adriana Marcondes, trouxeram importantes contribuições para o olhar da atuação da instituição na comunidade (MARCONDES, AZEVEDO, 2015).

O plano traçado para o Espaço Girassol era atender uma turma de quinze crianças em 2013 e no ano seguinte possibilitar que mais quinze crianças fossem atendidas, acrescentando uma turma a cada ano, até completar 4 turmas em 2016.

Atualmente, a equipe é formada por um coordenador pedagógico, um assistente ad-



ministrativo, uma auxiliar de limpeza, uma auxiliar de cozinha e cinco educadoras.

A maioria dos funcionários é formada por moradores de São Remo, apenas uma educadora e o assistente administrativo que moram fora desta comunidade.

Além desta equipe, há o trabalho de duas professoras de música que trabalham com musicalização, canto coral e aulas de violão e uma professora de Educação Física na oficina “Corpo e Saúde” que tem o enfoque nas atividades físicas. Atualmente o Espaço Girassol atende 60 crianças.

Outros profissionais voluntários também contribuem com este trabalho: uma pedagoga e uma bibliotecária.

2.0.1 Espaço Girassol

O Jardim São Remo, situado na Zona Oeste da cidade, formou-se com os trabalhadores da construção da Universidade de São Paulo (USP) e hoje a comunidade abriga cerca de 13 mil habitantes (migrantes de outras regiões, com baixo grau de instrução, que vieram buscar em São Paulo uma melhor qualidade de vida).

Desde 1993, a Associação Metodista Livre Agente atuava nesse local com foco na Educação Infantil, mas sempre teve a vontade de ampliar esse atendimento, fornecendo às crianças de outras faixas etárias atividades favoráveis ao seu desenvolvimento.

O objetivo do Espaço Girassol é ser um local que contribua para o bom desenvolvimento das crianças. Não pretende ser uma escola, pois os alunos já frequentam a escola regular, mas o objetivo é contribuir para uma educação integral e plena.

Durante o período em que as crianças estão no Espaço Girassol, elas têm momentos de brincadeiras, de participação nas oficinas de musicalização, canto coral, atividades físicas, capoeira, acesso a uma biblioteca infantil e empréstimos de livros, momentos de contação de histórias e atividades com jogos de tabuleiro e jogos de raciocínio lógico de matemática, além dos momentos de lanche (no início e no meio do período).

De acordo com uma educadora Samara:

O Girassol, além de ser um espaço físico para a brincadeira, há espaço de abertura e interesse para conversas, para saber como foi a semana da criança, como ela está, o que sente, como está em relação aos amigos, com a família¹.

¹Citação retirada dos registros do projeto “Marcas da Vida Escolar”, do programa de Tutoria Científica Acadêmica do IPUSP, realizado pela Profa. Dra. Adriana Marcondes, com as alunas Juliana



O Espaço Girassol procura fazer um trabalho em parceria com as famílias e promove encontros através de reuniões, festas comemorativas e conversas individuais, quando necessário.

O contato com as escolas que as crianças frequentam também ocorre com visitas agendadas. Normalmente essas reuniões acontecem com a coordenadora e a professora da escola e com o coordenador, a educadora e a representante da diretoria da Associação Agente. Nestes encontros, procura-se comunicar o trabalho que a Associação Agente e o Espaço Girassol fazem na comunidade de São Remo e também é possível ouvir a professora/coordenadora para conhecer outros aspectos da criança e dos familiares, que às vezes, não eram conhecidos. Essa troca de informações sobre a criança tendo um olhar dos educadores do Girassol e da percepção da professora e coordenadora da escola é bastante interessante.

Infelizmente, nem sempre é possível visitar todas as escolas ou mesmo aprofundar as conversas com os professores de maneira mais satisfatória.

Maldonado e Mariana Ros Stefani, no Espaço Girassol em 2014. Na ocasião, as pesquisadoras fizeram entrevistas com três educadores da instituição. Este trecho é parte de uma dessas entrevistas.



3 ESTUDO DE CASO

Todas as crianças que frequentam o Espaço Girassol estão matriculadas na rede pública de ensino. Atualmente essas crianças estudam em 09 escolas que oferecem o primeiro ciclo do Ensino Fundamental na região.

Algumas crianças já chegam ao Girassol com bom domínio da leitura e escrita, mas muitas, por ainda estarem nos primeiros anos, ainda estão se apropriando desse conhecimento.

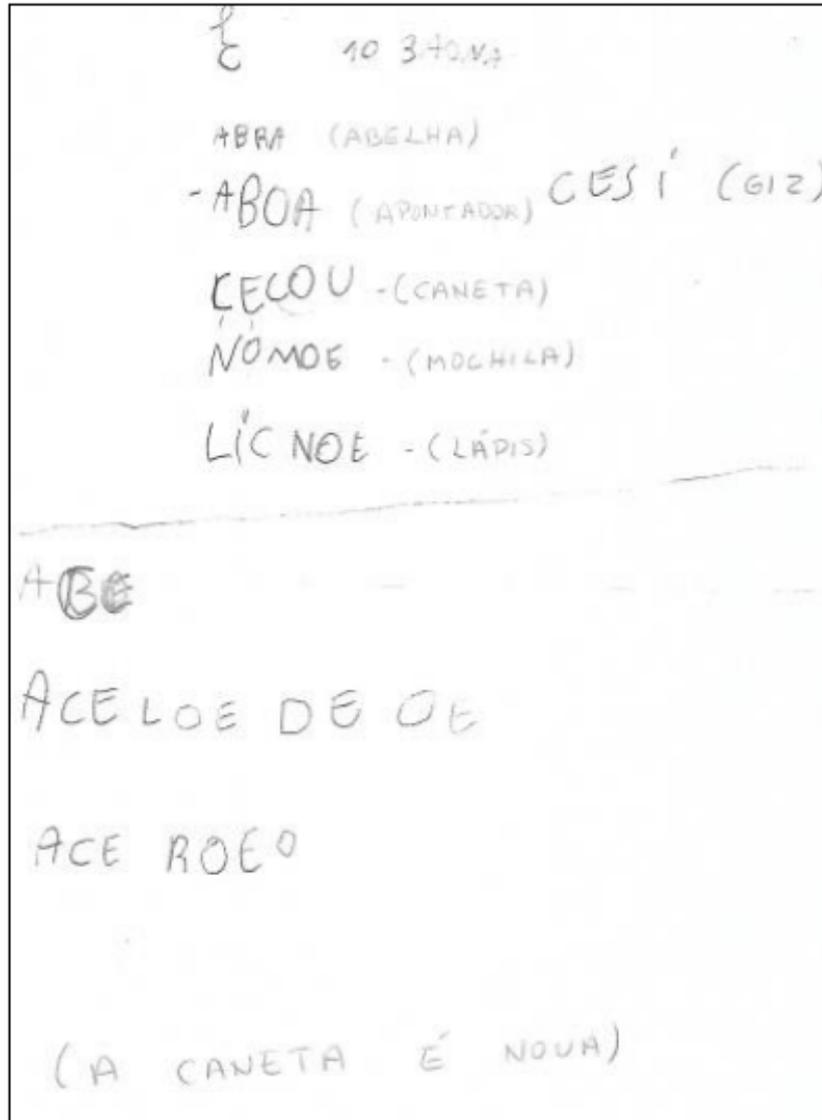
Há, porém, alguns casos que chamam a atenção da equipe, pois, mesmo estando nos anos finais do Ensino Fundamental, apresentam dificuldades de aprendizagem. Um desses casos é de E. que apresentamos neste trabalho.

E. começou a frequentar o Espaço Girassol no ano 2014. Tinha 07 anos e estava matriculado no segundo ano do Ensino Fundamental. No início, sua adaptação não foi fácil. Era uma criança agressiva, batia bastante nos amigos, tinha dificuldade para obedecer aos adultos e mesmo de manter um contato pelo olhar. Com o passar dos anos, melhorou o convívio com as outras crianças e com os educadores.

E. é uma criança arisca, quando chegou era bem mais, quando se aproximava dele para tocar (dar um abraço, tocar a mão nele com carinho), ele se assustava, até se abaixava com medo, era muito difícil vê-lo sorrindo e não participava das oficinas e atrapalhava o decorrer das mesmas. Aos poucos, fui se aproximando e sempre conversando com ele sobre as oficinas, a importância de participar delas e também de não atrapalhar para que seus colegas possam também absorver o que está sendo oferecido nelas. Entrava bastante em conflito com os colegas e na maioria destes conflitos era batendo e/ou ofender seus colegas com xingamentos¹.

Apesar dos relatos de melhora no comportamento, os educadores ainda relatavam que E. ainda não escrevia convencionalmente. Por esse motivo, em outubro de 2016, foi realizado com o aluno o processo de “Sondagem de nível de aquisição da escrita”, como sugerido no curso da Orientação à Queixa Escolar (**figura 1**).

¹Registro da educadora do Espaço Girassol no ano de 2015.



Fonte: Elaborada pela autora e por E. (2016).

Figura 1: Sondagem de nível de aquisição de escrita

Durante a supervisão, analisamos o que essa criança demonstrava saber sobre a escrita. Ele sabia escrever seu primeiro nome², sua idade e a série em que estava. Ele também conseguia identificar, na maioria das vezes, a letra que começava a palavra ou mesmo uma letra bem semelhante, como no caso do “N” e “M” e a troca do “G” pelo “C” (na escrita da palavra “giz”).

A supervisora sugeriu, na época, que se essa criança tivesse oportunidade de ser atendida, provavelmente ela avançaria na questão da alfabetização.

E. não foi encaminhado para o Serviço de da Orientação à Queixa Escolar nem pela

²Este item foi apagado do registro para manter o sigilo da identidade do aluno.



escola, nem pelos familiares, mas a equipe do Espaço Girassol estava incomodada com o fato de E. apresentar dificuldades nas atividades de leitura e escrita, sendo que ele já estava com 10 anos e já havia repetido o 3º ano.

Eu já conhecia E. por ele participar do Espaço Girassol desde 2014. Em 2016 tive alguns encontros com ele e mais um aluno do Girassol para “sondar” a questão da alfabetização. Também visitei a escola dele, dia 08 de setembro, e na ocasião a professora relatou as conversas que teve com a avó de E. e comentou de alguns conflitos familiares. E. vive com a avó paterna (que ele a chama de mãe), e a professora comentou que a avó contou que algumas vezes o pai chegava “alterado” (sic.) em casa e tinha conflitos com a avó. Às vezes, E. ficava entre os dois e defendia o pai. Diante deste relato percebe-se que a família comparece à escola sempre que é solicitada.

Quanto ao Espaço Girassol, E. chega e vai embora sozinho. Sua frequência é muito boa e ele raramente falta. O coordenador tem mais contato com os familiares dele.

Na primeira semana de junho deste ano (2017), sua avó o levou para o Girassol, pois estava chovendo (de acordo com E.) e coincidência ou não, era o dia de seu aniversário.

Algumas questões a serem pensadas: o que acontece com uma criança que mesmo frequentando a escola regularmente durante três ou quatro anos não aprende a ler e a escrever? Qual o papel de uma ONG que oferece atividades complementares ao horário escolar, que faz um trabalho para sempre incluir todas as crianças nas atividades que propõe, e percebe que uma criança aprende capoeira, aprende regras de jogos, melhora o convívio com as demais crianças e com os adultos, mas que ainda não está alfabetizada e que verbaliza que ela não sabe ler? Como lidar com esse mal-estar?

Diante deste quadro o Curso de Orientação à Queixa Escolar foi de extrema importância, pois dialogou com as práticas e situações vividas no Espaço Girassol.

Em geral, as crianças consideradas “problema” são oriundas das escolas públicas e pertencentes às camadas mais empobrecidas da população. Várias formas de atendimento caracterizam a atuação psicológica, mas basicamente a queixa escolar é entendida como uma dificuldade do aluno em aprender. Em geral, essa dificuldade é atribuída a déficits cognitivos e/ou intelectuais e emocionais. A partir da década de 1980, várias pesquisas passaram a pensar a relação do fracasso escolar e pobreza, quer na Psicologia Escolar (Patto, 1984, 2002), da Psicologia Social (Leser e Freire, 1986), da Linguística (Cagliari, 1985; Soares, 1986), da medicina (Moysés e Lima, 1982) e da Pedagogia (Collares, 1989). Esses estudos, grosso modo, questionam a concepção que culpabiliza a vítima, o aluno, pelo fracasso escolar, chamando atenção para a má qualidade do ensino oferecido e para a presença, nas práticas escolares, de estereótipos e preconceitos existentes a respeito da criança pobre



(MARCONDES; SOUZA, 2010).

Em março de 2017, iniciou-se um atendimento individual e semanal com E. no próprio Espaço Girassol, no sentido de ouvir a criança, compreender a “queixa escolar” e perceber como que esta situação cristalizada poderia ser movimentada. Atendemos a criança não porque o “problema” está nela, mas acreditando no potencial que ela tem para aprender e apostamos nisso.

Antes de iniciar o atendimento, conversei com o coordenador do Espaço Girassol que reconhece as dificuldades de E. em relação a leitura e escrita e que apoiou esta iniciativa. Conversei com o E. que estava no pátio com outras crianças e ele aceitou prontamente ir conversar comigo.

Neste primeiro encontro relembro com E. “as sessões” que tivemos no ano anterior junto com outro amigo dele e digo que pretendo me encontrar com ele mais vezes este ano, com encontros realizados todas às terças feiras. Ele concorda.

Pergunto quantos anos ele tem, ele responde que tem 10 anos, mas não sabe precisar a data de seu aniversário. Ele conta que estuda na escola “ x ”, no terceiro ano.

Eu pergunto:

- Mas no ano passado você não estava no terceiro também? Ele demonstra dúvida e incerteza neste momento, disse que estava no segundo, depois diz que repetiu de ano.

- Por quê

- Não sei ler.

Ele diz que o nome de sua professora é Sandra. Sobre a professora do ano passado ele não recorda o nome, só diz que ela era “gordinha” (sic.)³

Comecei a pensar “Que diferença faz estar no segundo, terceiro ou quarto ano? Não saber o nome da professora é significativo? Que diferença faz se o nome da professora for Sandra, Joana ou Maria do Carmo?

Pergunto com quem ele mora e ele diz que mora com a mãe (que é sua avó paterna), comenta que seu pai não mora mais com ele, que mora com seu tio R. e que seu tio J. está preso.

Digo que também irei conversar com a avó dele e ele pergunta por quê. Respondo que irei contar para ela sobre os nossos encontros, sobre o trabalho que faremos sobre a

³Quando visitei a escola, verifiquei que E. estava no quarto ano! E que o nome de sua professora era outro, bem diferente M.C.



questão da leitura e da escrita. Ele concorda.

Questiono se ele gosta de livros e ele diz que não. Falei que eu pensei em um livro, que eu gostaria de trazer para ler com ele e falei o nome do livro O menino que aprendeu a ver, de Ruth Rocha. Depois eu falei que eu sabia que ele gostava de desenhar e que ele poderia desenhar naquele dia.

Ele pega as folhas de sulfite, as canetinhas e começa a desenhar. Diz que queria aprender a desenhar o personagem Naruto, que assistiu em um programa na TV que ensinava. Ele gosta também do personagem Ben 10.

Desenha o símbolo do São Paulo e me pergunta como escreve. Falo para ele “São” e soletro “s”, e ele escreve, “a”, “o” e depois “Paulo” ele coloca o P, fala “a” e escreve “PAUO”, dentro do símbolo. Pergunto se ele torce para o São Paulo e ele diz que não, que ele torce para o Barcelona. Digo que o Barcelona não é time do Brasil, mas ele fala que o Barcelona joga na Copa. Diz que gosta do Leymar (é desta forma que ele diz o nome do jogador Neymar) e do Messi.

Comenta de seu primo, que vem para o Girassol a noite, nas aulas de capoeira, diz que fez o desenho para esse primo.

Pergunto sobre os finais de semana dele, quando ele não vem para o Espaço Girassol o que ele fica fazendo. Ele diz que fica na rua, brincando no beco.

Ele conta que às vezes ouve funk também. Pergunto qual música que ele ouve e ele diz “MC Brinquedo e MC Pikachu”. Pergunto se ele sabe cantar um pedaço da música para eu procurar depois, ele diz que não.

- Você não sabe cantar nem um pouquinho?
- É que tem palavrão.
- Tudo bem, pode cantar.

Ele me olha de um jeito desconfiado e admirado, e então eu digo:

- E. nós estamos no Girassol e você tem razão de estar com receio de falar sobre isso. Você não deve mesmo falar isso para a professora, para o coordenador, mas aqui você vai poder falar, tudo bem? Que bom que você percebe o que a gente deve falar e o que a gente não deve falar em alguns lugares.



Ele diz que nesta música fala de “fumar maconha” e canta bem baixinho um trecho da música. “Eu preciso te ter você, não preciso mais beber e nem fumar maconha, seu sorriso me dá onda”.

Comento que não tem palavrão nesta parte e ele diz o refrão: “o meu pau te ama”.

Ouvi sem julgamento e sem censura. Achei interessante que neste primeiro encontro E. já teve a confiança para falar de coisas que provavelmente ele não falaria em um outro contexto. Normalmente E. é um menino que não olha em seus olhos quando fala com você e ele é agitado também, fica mexendo em objetos. Neste momento ele estava “tranquilo”, falando baixo e me olhando nos olhos.

Combinei de trazer algumas coisas para o nosso próximo encontro e o convidei para participar de uma oficina de xadrez com colegas que ele ficava no ano passado no Espaço Girassol, mas que agora não frequentam mais o Espaço Girassol pois permaneceram no projeto durante 4 anos e agora ingressaram no sexto ano (EF 2). Esses alunos participam apenas de algumas oficinas oferecidas durante a semana. Ele aceitou.

No encontro seguinte, ele me viu no pátio, perguntou se eu tinha trazido a música, deixou a bola, os amigos, buscou seu chinelo e subiu comigo.

Ao entrar na sala pediu o papel com a música. Eu contei que achei a letra da música, que a minha filha conhecia também e que ela disse que essa música tocou muito neste ano. Eu mostrei para ele e disse que o nome da música era “Deu Onda”. Ele queria ouvir a música também, então, peguei o meu celular e E. quis escrever o nome da música e me ajudou a “buscar”. E. parecia ter alguma familiaridade com o celular, teclando “buscar”, depois de digitar a letra da música, copiando as letras do papel que eu havia dado. E. disse que mexe no celular do tio e que queria ter um celular dele para fazer todas essas coisas.

Ele assiste ao clip comigo e canta junto. E. conta que já viu esse clip na TV.

- Quando passa? Eu pergunto.

- Passa depois do desenho. Ele responde.

Nós vimos o clip juntos e depois fui ler a letra da música para ele. E. pediu para deixar o clip tocando baixinho, e assim foi.

Com a letra da música, pedi para ele identificar no texto onde estava escrito “deu onda” e ele foi grifando. Houve um momento que estava escrito “dá onda”, ele percebeu a diferença e só grifou “onda”.



Comentei sobre o “PAI” também, que é como o cantor canta na música sem “o palavrão” que ele havia comentado na semana passada. Eu perguntei para o E. que se fosse para escrever “pau”, qual seria a letra depois do “pa”, e ele identificou e falou “u”.

Ele grifou as palavras “pai” que apareceram no texto também.

E. pediu para levar a letra da música para o tio dele ver. Combinei que ele levaria para casa, que era para ele tentar identificar as palavras que na próxima semana iríamos ver novamente.

No final da sessão falei para ele que ele poderia escolher entre um jogo, desenhar, ou ver o livro que eu tinha trazido para ler com ele O menino que aprendeu a ver (ROCHA, 1998). E. comentou que não gostava do livro, que queria desenhar e jogar. Eu falei que não sabia se haveria tempo para fazer as duas coisas. E. começou a desenhar e a conversar comigo.

E. começa a relatar várias coisas, mas não dá para entender se são fatos recentes ou não. De toda forma são fatos que ele traz para a sessão, relacionados à sua casa.

Antes de sair da sala, pega o livro O menino que aprendeu a ver⁴ (ROCHA, 1998), que deixei disponível em cima da mesa, vai folheando todas as páginas e comenta aquilo que ele “consegue ver” e vai comentando:

- A letra “A”, “D”.

O nome deste livro é provocante O menino que aprendeu a ver (ROCHA, 1998) e E. fala que ele já sabia ver.

Nas sessões seguintes trabalhamos uma vez com histórias em sequência (cartões para serem ordenados de acordo com os acontecimentos), com esta atividade eu queria observar melhor a narrativa do E., que às vezes, parecia um pouco truncada para mim. Ele colocou os cartões na ordem correta e comentava as figuras que estavam nos cartões, de forma bem objetiva, com frases curtas. Em um momento **ele propõe** um jogo como o jogo da memória. Deixar as cartas viradas e tentar achar as cartas que pertenciam a mesma história. Brincamos como ele havia sugerido e foi bem interessante.

Em outros momentos brincamos com o baralho “*Pingo no i*”, que é um baralho com letras. Às vezes, brincávamos em virar uma carta e quem falasse o nome da letra “ganhava” esta carta. Outras vezes, tentávamos formar palavras. Brincávamos também

⁴Este livro narra a história de um menino que começou a ir para a escola e não sabia ler. Quando a professora ensinava cada letra durante as aulas, ele foi percebendo e vendo essas letras enquanto caminhava pelas ruas, nas placas, no ônibus.



de montar com as cartas do baralho o nome da música que ele gostava “DEU ONDA”.

Agendei uma conversa com a avó, telefonei para o celular do tio e falei com ele. Ele ficou de avisá-la. No dia agendado ela não veio, pois tinha ido visitar e levar algumas coisas para seu filho caçula que está preso (ele foi preso recentemente).

O pai de E. foi até o Girassol em uma tarde e eu conversei com ele. Era a primeira vez que eu via seu pai. Ele me contou que o E. mora com eles desde seus 2 anos.

Neste momento quero remeter uma aula que tivemos no curso de Orientação à Queixa Escolar, com Carla Biancha Angeluci, sobre a questão da inclusão. Em um momento da aula ela contou sobre uma garotinha de uns 8 anos que passou por muitas internações hospitalares e quando foi sugerido que ela própria falasse sobre isso na escola, ela disse “*Eu sou normal, mas quando eu falo das minhas ‘doenças’, eu sou ‘anormal’*” (algo mais ou menos assim).

E nesta mesma aula refletimos sobre: o que precisamos saber sobre uma criança para produzir um processo educativo? Que história cada criança quer contar sobre si mesma? O que nos autoriza fazer certas perguntas, sobre a vida da criança? Que efeitos isso terá para nós, para a própria criança e para a escola? Todo mundo precisa saber o histórico da criança? O que está se olhando quando se olha a criança? E como é esse olhar? Olhar de quem olha, olhar de quem julga? Saber o histórico da criança apenas para satisfazer uma curiosidade?

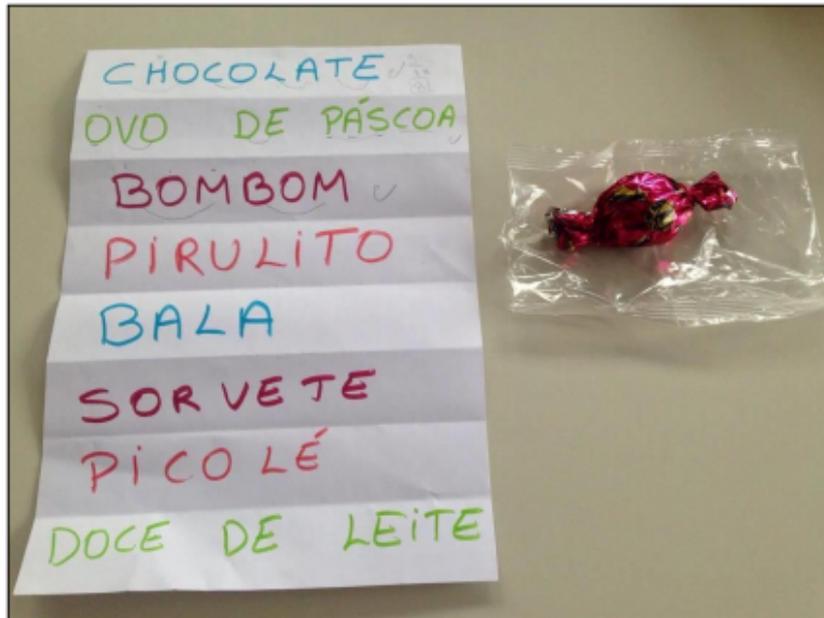
E pensando nestas questões prefiro trazer a história de um menino de 10 anos que “não aprendia na escola”. Assim como as crianças relatadas no livro *A institucionalização invisível – crianças que não aprendem – na - escola* (MOYSÉS, 2001).

O fato do pai do E. ter vindo conversar comigo e no encontro seguinte ter conversado com o E. sobre isso foi bem positivo. E. gostou de saber que eu conheci e conversei com seu pai.

Em uma sessão pedi para E. escrever, no calendário do meu celular, a palavra “chocolate”, pois eu queria lembrar de trazer um chocolate para ele em nosso próximo encontro. Selecionei no meu celular a data da próxima terça-feira e ele escreveu “COQOLATE”.

No próximo encontro, claro que ele se lembrou de perguntar se eu havia levado o chocolate para ele. Falei para ele esperar um pouco que a gente iria ver mais tarde.

Levei uma lista de palavras (**figura 2**), e a primeira era “CHOCOLATE”.



Fonte: Fotografia tirada pela autora no dia da sessão.

Figura 2: Lista de palavras usadas na sessão

Ele olhou e falou que não sabia a letra “H”.

Todas as outras letras ele sabia nomear. Depois que ele nomeou todas as letras, contamos quantas letras havia esta palavra e eu disse para ele. Essa palavra tem 9 letras, você conhece 8 letras e disse que só não conhece 1. Afirmando desta forma, que ele conhecia muitas letras. Falei que aquela letra era o “H” (aga) e ele foi lendo “cho” e apontando. No “co”, ele disse que não tinha o “q”, mas eu falei que assim ficava “co” e com o “H” no meio ficava “cho”, depois ele leu o “LATE” e foi apontando com o dedo.

Eu levei um bombom para o E. e comemos juntos.

Depois eu li o livro inteirinho “O menino que aprendeu a ver”, E. foi acompanhando a leitura e fazia vários comentários que “o menino era burro”, pois tem uma figura com o menino tentando pular o muro e tinha um portãozinho ao lado, e em outras páginas do livro também.

Na próxima semana fiquei de levar um pirulito para ele. Ele escreveu “pirulito em meu celular” para eu lembrar.

Neste encontro ele não chegou pedindo nada, apenas entrou na sala e quando eu mostrei a lista de palavras que trabalhamos na sessão passada, ele disse que não queria fazer aquilo, mas quando viu o desenho do pirulito, ele falou:

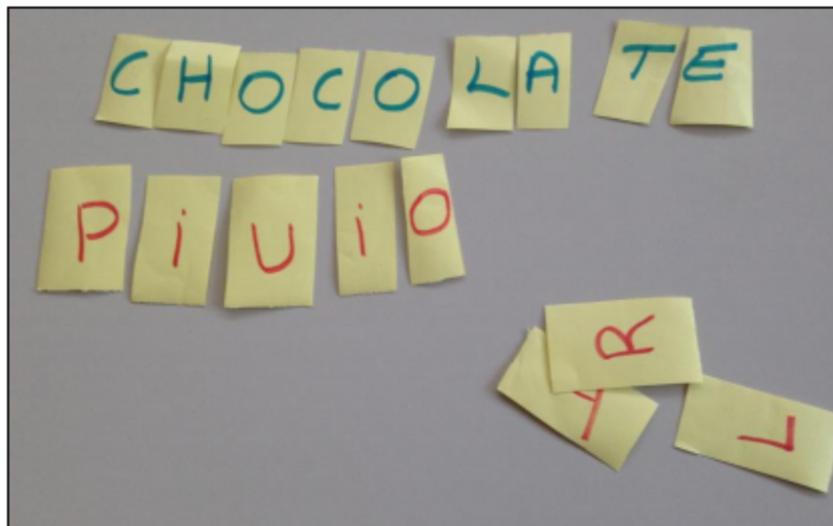
- Você trouxe o que você desenhou? (que era o pirulito)



Eu disse que depois a gente iria ver isso.

Eu escrevi chocolate na frente dele, recortei as letras, embaralhei e dei para ele montar a palavra. Antes mostrei o “H” e relembramos o nome desta letra e ele foi apontando para cada sílaba da palavra “chocolate” e foi lendo. Depois montou a palavra.

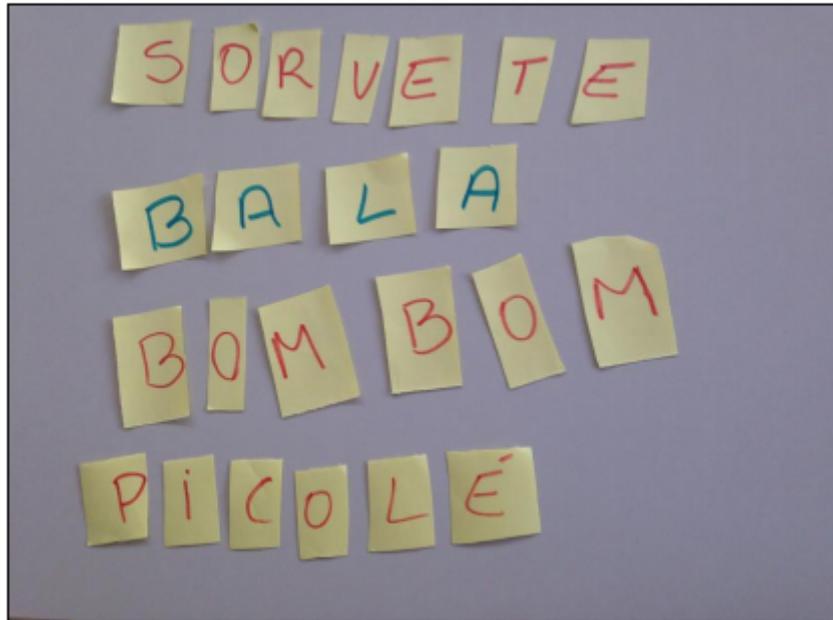
A próxima palavra era pirulito. Eu escrevi na cartolina, ele leu apontando as sílabas que representavam sua fala. Depois recortei as letras, embaralhei e dei para ele. E. montou assim: “PIUIO” e sobraram as letras R,L,T. Eu comentei que haviam sobrado 3 letras e li como ele havia escrito “PIUIO”. Em um primeiro momento ele foi colocando as letras entre as vogais. Teve um momento também que colocou as consoantes depois das vogais, olhou, pareceu estranhar e conseguiu montar a palavra “PIRULITO” (tiramos foto para registrar com o meu celular, E. pede para ele tirar a foto e assim foi feito) (figura 3).



Fonte: Fotografia tirada pela autora no dia da sessão.

Figura 3: Formar palavras a partir de determinadas letras

Desta mesma forma, E. montou as palavras “SORVETE”, “BALA”, “BOMBOM” e “PICOLÉ” (figura 4).



Fonte: Fotografia tirada pela autora no dia da sessão.

Figura 4: Formar palavras a partir de determinadas letras

Ele me contou um pouco de como as coisas estavam em sua casa.

Eu peguei outro livro de Ruth Rocha Nicolau teve uma ideia (ROCHA, s.d.) e comecei a mostrar o livro para ele. Esse livro tem mais gravuras do que a parte escrita, ele mostra com desenhos o que cada pessoa está pensando e no início do livro cada personagem tem apenas uma ideia na cabeça. E. vai acompanhando a minha leitura olhando as gravuras do livro. Tem um momento que o pensamento do Nicolau mostra um pássaro e de seu amigo era “uns traços”. Quando Nicolau conta sua ideia para o amigo fica com duas ideias na cabeça, a dele e a de Nicolau. Quando E. vê essa gravura ele diz, agora o pássaro está preso. (Ele sempre comenta sobre o tio que está preso). Parei a história e perguntei se ele já tinha escrito uma carta para o tio que está preso e ele disse que não.

Eu peguei uma caneta e uma folha e disse para ele me falar o que ele gostaria de falar para o tio que eu iria escrever. Ele fala que é para escrever de lápis e eu pergunto o por quê, ele responde que “é para apagar, caso eu erre”.

Primeiro ele começou falando que queria um celular, e mais alguns eletrônicos e eu escrevi, mas perguntei para ele porque que ele falava isso para o tio, o que mais ele poderia falar para esse tio?

E ele falou “eu quero que você saia logo da cadeia”.

Eu peguei uma folha em branco, pois a outra que eu estava escrevendo estava com



outros escritos e perguntei como ele chamava esse tio e fomos escrevendo a carta.

Eu escrevi o nome do tio e a frase que ele falou e depois dei a folha para ele fazer um desenho para o tio. E. começa desenhando o videogame, um tablet... Depois ele tenta lembrar o que o tio tinha falado com ele, e com esforço ele fala:

- Ah é, ele disse que quando sair da cadeia ele irá consertar a minha bicicleta e desenha uma bicicleta.

Escreve seu nome na carta, dobra muito bem dobradinha e coloca em seu bolso. Eu digo que quando sua mãe (que é a avó) for visitar o seu tio, que ela poderá levar a carta para ele.

Espero que todas essas coisas estejam contribuindo para que o E. perceba a função da escrita e se aproprie dela.

Encerramos, ele foi tomar lanche e retornou para o trabalho em grupo.

Nossos encontros permaneceram assim. Eu encontrava o E. todas as terças-feiras das 8h30 às 9h30, depois ele descia para tomar um lanchinho e voltava para a “oficina de xadrez” com mais 3 crianças, eu, e uma monitora, estudante do terceiro ano do curso de Psicologia.

E. joga xadrez com outras crianças e fica concentrado durante um bom tempo.

Normalmente, no final da oficina de xadrez, registrávamos o dia através da escrita ou de desenho. Esse trabalho em grupo tem sido bem importante para o E. também. Ele está com outras crianças que tem a mesma idade que ele, e que ele já tem um vínculo de amizade. Durante essas oficinas percebemos o E. mais seguro e tranquilo para ir à lousa, escrever o nome dos amigos e anotar os pontos que cada um fez nos jogos, de uma forma muito espontânea. Além do xadrez, jogamos outros jogos como: Dominó, Feche a caixa⁵, Damas, etc.

Teve um dia que o E. ficou muito feliz ao jogar o “Feche a caixa”, ele contava nas bolinhas dos dados o “número” que dava, depois foi até a lousa e começou a fazer várias contas de somar. Contava em seus dedos e colocava o resultado. Encheu a lousa com suas contas e em um momento ele falou:

- Eba! Agora eu sei!!!

Assim como no livro “O menino que aprendeu a ver”, eu escrevi “o menino que

⁵Feche a Caixa é um jogo que envolve adições. A criança joga dois dados. Com a soma dos números, ela tem o desafio de fechar as “caixas” com os numerais do “tabuleiro” (de 1 a 9). Quanto mais caixas ela fechar é melhor, por isso, ela pode compor a soma dos dados somando também os números do tabuleiro.



aprendeu a contar” e ele fez o desenho do jogo “feche a caixa” (figuras 5 e 6).



Fonte: Elaborada pela autora e por E. (2016).

Figura 5: Desenho sobre o jogo Feche a caixa



Fonte: Elaborada por E. (2016).

Figura 6: Desenho na oficina de jogos em grupo

Houve uma sessão em que eu levei a letra da música do Toquinho “Gente tem sobrenome” e assistimos ao clip desta música no meu celular. Depois o E. disse seu nome inteiro, escreveu seu nome todo do jeito que ele sabia, faltando algumas sílabas. Depois eu fui falando seu nome todo e escrevendo com todas as letras. Uma queixa de sua professora é que ele só sabia escrever o primeiro nome e a partir deste encontro passamos a escrever o nome completo de E.

Neste dia levei também um livro infantil sobre o Toquinho, era a biografia dele. E. se interessou quando viu a foto do cantor criança, depois tocando violão. Pudemos ver o livro juntos e conversar sobre algumas coisas a respeito da vida deste cantor.

Uma semana antes do aniversário de E, levei um calendário do mês de junho, da turma da Mônica e contamos quantos dias faltavam para o seu aniversário.

Ele também escreveu numa folha o seu nome todo (**figura 7**).

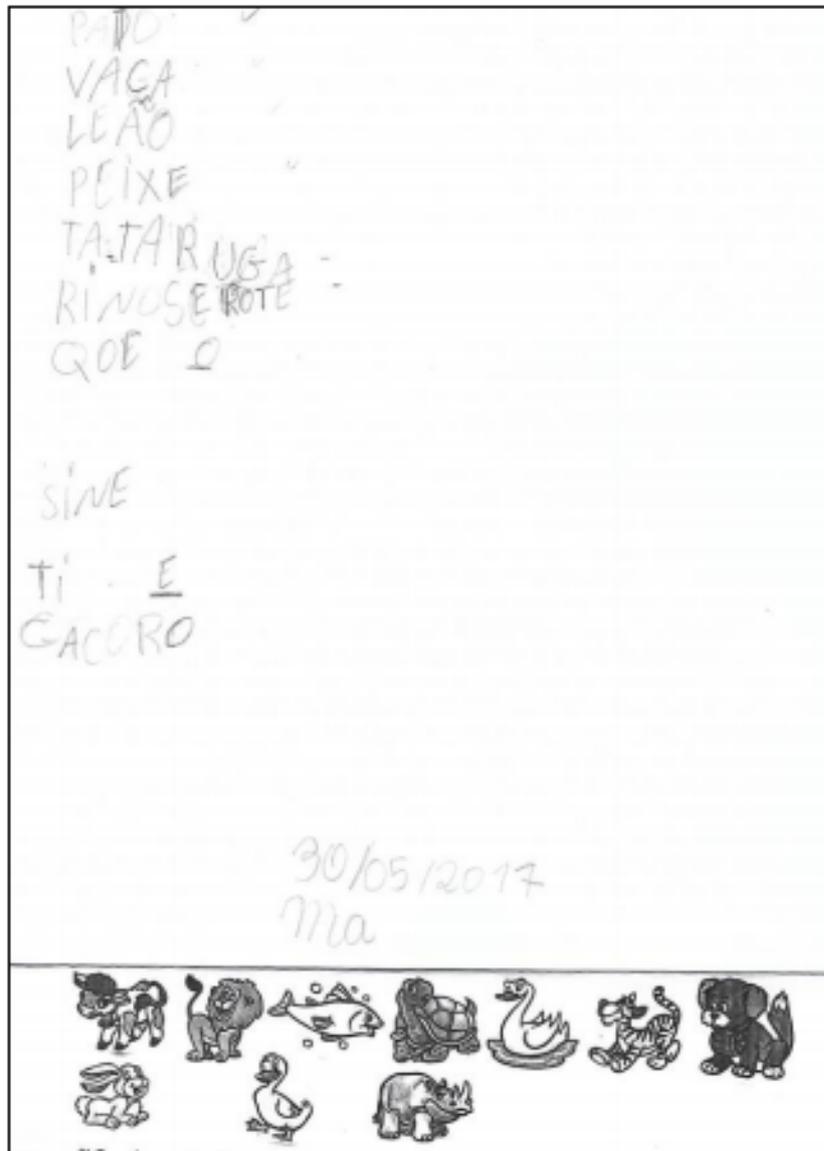
NOME: _____
DATA DE NASCIMENTO: __/__/__
ANIVERSÁRIO: DIA __/__/__

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 7: Atividade proposta para E.



Levei as figuras de uns animais, ele conhecia todos, então, pedi para ele escrever os nomes (figura 8).



Fonte: Elaborada pela autora e E. (2016).

Figura 8: Escrita do nome dos animais

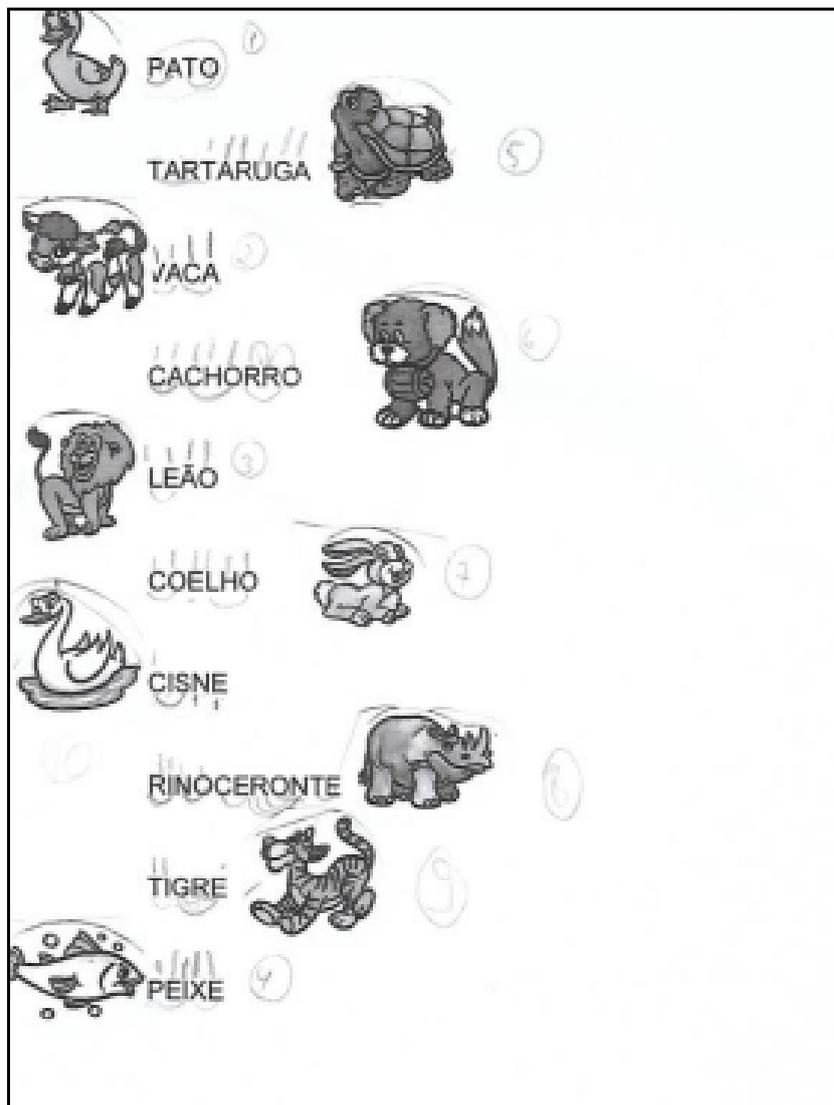
E. conseguiu escrever o nome de vários animais corretamente. Ele tentou escrever o nome de todos os animais associando o som a letra da palavra.

Quando estávamos com o grupo da oficina de xadrez, verificamos que mais duas meninas também faziam aniversário em junho. Combinamos que faríamos uma “festa secreta”, pois seria só para o nosso grupinho, não daria para chamar todos os alunos do Girassol. As crianças gostaram desta ideia e ajudaram planejando como seria essa “festa secreta”, com bolo, e brincadeiras.



Na semana seguinte E. estava muito feliz, pois era o dia do seu aniversário. Ele disse que nunca tinha bolo no dia do seu aniversário.

Fizemos o atendimento individual conversando sobre isso, mas também fizemos algumas atividades (**figura 9**), pois a “festa secreta” seria na hora da oficina de xadrez com os outros amigos.



Fonte: Elaborada pela autora e E. (2016).

Figura 9: Leitura dos nome dos animais

Neste dia a atividade foi ler o nome do animal, que a gente já tinha visto na sessão passada, e colar o animal antes ou depois da palavra.

Algo que também foi acontecendo durante alguns atendimentos depois que eu visitei a escola de E. é que às vezes ele falava que queria levar alguma coisa para a professora, um chocolate, um doce, a professora passou a fazer parte das suas falas e de alguma



forma parecia que ele queria agradá-la.

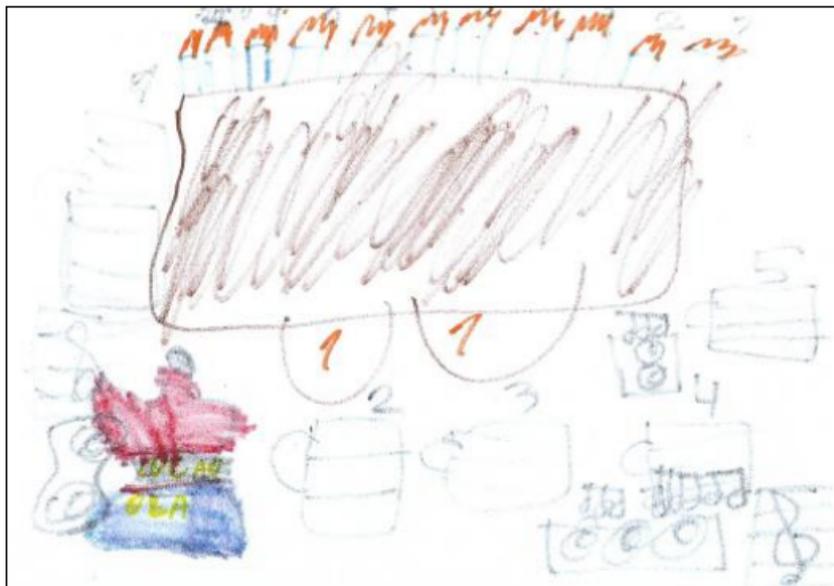
Uma vez ele comentou também que ela não gostava dele, que ela brigava com ele. Quando perguntei se eu gostava dele, ele também disse que não. Eu disse que isso eu não concordava, pois eu gostava dele sim. Perguntei sobre o coordenador do Girassol e ele disse que o coordenador também não gostava dele, e eu também não concordei e disse que eu vi até o coordenador passar remédio e fazer um curativo no dedão do pé dele, quando ele se queixou que tinha machucado o dedão na rua.

No momento da oficina de xadrez foi a festa, com bolo de brigadeiro, velinhas e refrigerante.

E. perguntou se a gente iria cantar parabéns, falamos que sim e ele disse que ele iria chorar.

Combinamos que iríamos cantar baixinho, pois a festa era “secreta” e cantamos. De fato E. ficou emocionado... Ele queria que a gente chamasse as educadoras do Girassol, mas elas estavam com as outras crianças e a gente garantiu que elas iriam comer o bolo depois, foi possível chamar o coordenador para comer o bolo com a gente.

Depois da festa, depois de comer, beber e brincar, eles fizeram um desenho para registrar o dia. Todos desenharam o bolo. E. desenhou o bolo as 11 velinhas acesas com os números sobre as velinhas, desenhou os copos e escreveu os números nos copos, representou a música com símbolos, pediu para eu desenhar a “clave de sol” (**figura 10**).



Fonte: Elaborada por E. (2016).

Figura 10: Desenho do bolo de seu aniversário



E. teve direito a fotos e abraços nos amigos.

As educadoras do Girassol comentaram que E. estava muito feliz, e que ele não esperava receber os parabéns dos amigos, mas que ele ia e abraçava os amigos primeiro.

Pensei também na questão dos números, o quanto muitas vezes quando pensamos na dificuldade da leitura e da escrita, pensamos em trabalhar com as letras e o alfabeto. E como as quantidades e seus símbolos, representados pelos numerais podem ser um disparador para a criança enxergar e entender melhor “esse nosso mundo” com seus códigos que convencionamos.

Quais são as diferenças de E. desde a primeira “sondagem de nível de aquisição da escrita” ?

O que podemos perceber de E. quanto a sua oralidade, sua leitura, sua escrita, seu relacionamento com os amigos?

Tudo isso demonstra que é possível sim aprender e vale muito a pena investir! *“Sei que a vida vale a pena mesmo que o pão seja caro e a liberdade pequena”* (Ferreira Gullar).

3.0.1 Visita à escola de E.

No dia 03 de maio, agendamos uma conversa com a professora do E. e fomos até sua escola, eu e uma educadora do Girassol.

Ela queria saber o motivo da nossa visita, se alguém da família dele havia falado alguma coisa, mas nós falamos que costumamos agendar reuniões para contar um pouco do trabalho que é feito no Espaço Girassol, na comunidade de São Remo e estávamos lá para conversarmos sobre o E., que é aluno desta escola e que frequenta o Espaço Girassol.

A professora relata que o E. não se desenvolveu nada, que ele não faz nada e não sabe nada. Ela conta que no dia anterior à nossa visita, ele estava brincando com a cortina. Ela diz que E. não copia da lousa, apenas o cabeçalho...

Ela comenta que começou a trabalhar nesta escola este ano, que antes ela trabalhava em outra escola.

A professora também fala que conversou com a coordenadora, de como o E. que já estuda há muito tempo nesta escola, pode estar no quarto ano se ele só escreve o primeiro nome, nem sabe escrever o nome todo. “Ele foi empurrado” para os outros anos escolares. “Para mim, ele diz que está cansado”.



Quando eu contava sobre as atividades do Girassol, ela comentou, então quando ele chega na escola ele já está cansado.

Será que ele se cansa por causa das atividades do Girassol ou será que ele se cansa de não fazer nada na escola? Será que ele se cansa das lições que ele não entende? Do que será que o E. se cansa? Seria bom ouvi-lo. Para mim ele falou que o tempo na escola parece que não acaba nunca. Quando comentei que iria até a escola dele, ele disse:

- E se a professora falar que eu bagunço?
- Você bagunça? - eu perguntei.
- Às vezes...
- Por que você bagunça? Quando isso acontece?
- Parece que o tempo na escola não acaba nunca... Nunca chega a hora de ir embora.

Mas esse fato eu não relatei para a professora. Como era nosso primeiro contato, preferi não criar nenhum confronto ou mal-estar, estava mais interessada em estabelecer uma parceria e uma relação de confiança.

Ela contou que o E. escreve apenas M, N e A, que ele não sabe ler. A professora mostrou uma sondagem que fez com ele, e diz que na escola o E. foi avaliado como “alfabético”, mas que ela não concorda, que para ela, o E. é “pré-silábico”.

Em um momento da conversa ela diz que a avó é analfabeta e que o pai do E. é violento. Ela conta que outra vez quando chamou o pai do E. na escola, ele saiu batendo no filho. E ela fala que não tem com quem contar. Nesta hora, confirmamos que ela poderia contar conosco e que estávamos bastante dispostas a ajudar o E. , que esse era o nosso desafio.

Num outro momento ela diz que já tirou o E. da aula de Artes, de Educação Física e até do recreio.

Depois fala que percebe que é importante a hora do lanche para ele, que ele come muito a merenda da escola, então, evita deixá-lo sem recreio.

Quanto às aulas de Artes, eu comento que o E. deve gostar dessas aulas, pois ele gosta de desenhar, mas ela responde que outro dia ele estava bagunçando nesta aula e precisou sair da sala. Ela comenta, acho que a professora que propõe a atividade, e ele não pode desenhar o que ele quer.

Tivemos a oportunidade para contar para a professora o quanto percebemos o de-



envolvimento do E. e o quanto ele está diferente desde que entrou no Girassol. Falamos que antes ele era bem agressivo e era difícil o relacionamento com outras crianças, e que hoje E. é muito bem aceito no grupo e que praticamente não existe agressões e violência contra outras crianças. Quanto a isso, a professora concordou e disse que *ele só fica nervoso e joga o material no chão quando ela diz que ele vai ficar sem recreio...*

Contei também sobre o trabalho individualizado que estou fazendo com ele, mostrei as produções do E. quanto a escrita e a leitura. Mostrei em meu celular que o E. escreveu “COQOLATE” (chocolate), pois pedi para ele escrever, para me lembrar de trazer um chocolate para ele.

Mostrei as fotos em meu celular das construções que ele fazia com as letras e palavras. Contei também do grupo que ele participa com outros “ex-alunos” do Espaço Girassol, que no ano passado estavam com ele, mas que neste ano foram para o sexto ano (Ensino Fundamental II) e que participam do Girassol apenas alguns dias da semana com oficinas de violão, jogos, xadrez e informática.

Comentei que em uma oficina o E. ficou concentrado 30 minutos durante uma partida de xadrez. Em outro dia ele demonstrou jogar muito bem dominó, e ganhou várias vezes. Neste dia ele foi até a lousa, escreveu o nome dos amigos (com a ajuda deles falando em alguns momentos algumas letras que o E. não sabia) e anotou a pontuação do jogo.

A professora conta que no caso de outros dois alunos que ela tem, orientou os pais a retirar os filhos desses espaços sociais para eles terem tempo de fazer as lições de casa e também não chegarem cansados à escola.

No início da conversa, a professora comentou que dá aula de reforço às 10h00 na terça-feira, mas que o E. não foi em nenhum reforço.

Depois que contei sobre o trabalho que estou fazendo com o E., justamente às terças-feiras pela manhã, a professora falou: *“neste caso é melhor ele continuar com vocês mesmo, isso é, não precisa vir às aulas de reforço”*.

Ela pergunta se temos algum laudo sobre o E., eu digo que não temos laudo, mas que eu podia afirmar que o E. não tem nenhum problema cognitivo, que ele tem todas as condições para aprender. A professora diz *“é que ele é filho do crack”*, que sua mãe é viciada e que ele tem “problemas psicológicos”.

Nós ouvimos mas não demos ênfase a este fato, afirmamos como E. conversa, pergunta sobre alguma letra que ele não sabe, demonstra interesse por um livro folheando e comentando sobre suas gravuras e letras, como ele propõe jogos, etc.



A professora diz que observa o E. em outras atividades como recreio e Educação Física e que nestes momentos ele está bem.

Ao final, ela agradeceu e pediu sugestões de atividades para trabalhar com o E. Nós ficamos de pensar e voltaríamos a conversar.

Deixei o meu cartão institucional da Associação Agente com meu e-mail e número de celular. A professora deixou o número de seu celular também.

Esta questão da relação da escola com uma instituição social que atende uma mesma criança, uma “psicóloga” que vem conversar com a professora na escola, são questões delicadas que pedem muito cuidado e olhar atento aos atravessamentos.

Neste primeiro contato com a professora do E. meu objetivo era me apresentar, ouvi-la e tentarmos uma parceria para trabalharmos juntas.

De forma alguma pretendia colocar em jogo o saber da professora ou mesmo a maneira como ela trabalha.

De acordo com Beatriz de Paula Souza (2007):

A escola, como ocorre com as instituições em geral, é um campo de contradições e paradoxos. Nela atuam forças que tendem a produzir fracasso e sofrimento nas pessoas e dela fazem parte. Atuam, também, forças que impulsionam-no sentido oposto a esse. A escola, é sim, habitada por muitos seres humanos que constroem vida, inteligência, cidadania, dignidade, alegria e amor. O convívio com qualquer instituição escolar trará experiências de admiração, gratidão e carinho por diversos de seus personagens, incluindo muitos educadores. Quem pode ler estas palavras sabe disso, pois, certamente, passou por, no mínimo, uma escola (provavelmente várias), na condição de aluno. É só recorrer a essa vivência (SOUZA, 2007, p. 242).

As dificuldades enfrentadas pelos professores também são relatadas por Souza (2007), como: autoritarismo na implantação de políticas públicas na Educação; mudança de educadores durante o ano letivo; convocação de última hora; baixos salários; ausência de espaços sistemáticos de reflexão; falta de infraestrutura de apoio; desqualificação dos saberes dos educadores.

No entanto, a autora também apresenta “funcionamentos escolares produtores de alunos fracassados”, e o “preconceito negativo sobre pobres em geral e negros em especial”.

Qual é o pressuposto da professora sobre a aprendizagem ou a não aprendizagem de E.? Como essa professora enxerga a questão do ensino- aprendizagem? Como são as



atividades escolares? Os conteúdos que são exigidos no Quarto Ano estão de acordo com o que E. consegue realizar? Por que será que ele “não faz nada”?

Quais são os efeitos das punições que são tão naturalizadas na escola? Para quê a criança que não fez a lição, ficará sem os momentos de recreio? O fato de ficar sem recreio fará com que a criança faça a lição que ela não sabe como fazer?

Trataremos aqui dos preconceitos negativos, fortes e frequentemente hegemônicos, segundo os quais as pessoas das camadas populares são pouco inteligentes, têm pouca cultura, falam errado, são promíscuas e portam distúrbios afetivos. Estamos aqui no terreno da ideologia, isto é, de um discurso que tem por função a manutenção da estrutura social desigual e injusta do capitalismo. A disseminação desses estereótipos negativos tende a ter como efeito a submissão e o conformismo dos dominados, a partir da aceitação de sua suposta inferioridade (SOUZA, 2007, p.267).

No final de nossa conversa a professora ficou emocionada, pois mencionou dois alunos que ela teve e que foram mortos muito jovens. E completou dizendo que esses alunos “que não aprendem” acabam abandonando a escola.

Refletindo sobre sua fala e sobre todas as coisas que encontramos na literatura sobre este assunto, fica a questão: quem abandona quem nesta história? É o aluno que abandona a escola ou é este aluno excluído desta?



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ele era um menino valente e caprino
Um pequeno infante sadio e grimpante
Anos tinha dez e asa nos pés¹

Este trabalho foi desenvolvido a partir das experiências e das reflexões que aconteceram durante o Curso de Aperfeiçoamento de Orientação à Queixa Escolar.

Este curso é oferecido pela Extensão Universitária do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Durante todos esses anos que participo como voluntária na Associação Agente, no Jardim São Remo, pensava muitas vezes na Cidade Universitária. Nossa grande vizinha com tantos saberes, tantos jovens estudantes e tanto potencial.

Pensava também sobre a história desta comunidade que foi formada a partir dos alojamentos dos operários que trabalharam nas construções desta Universidade. Parece que o Jardim São Remo nasceu paralelamente à Universidade, mas com destinos tão distintos.

Eu pensava: o que significa para São Remo ser vizinha da Universidade de São Paulo? Quais os benefícios que essa proximidade trazia? Quais as diferenças que ficavam ainda mais acentuadas por essa proximidade? Que contatos poderíamos ter e quais as possíveis parcerias² que poderíamos estabelecer com esta Universidade?

¹Trecho da canção *O Poeta aprendiz*, de Vinícius de Moraes e Toquinho, cantada por Adriana Calcanhoto (**anexo A**).

²Ao longo destes anos, a Associação Metodista Livre Agente tem conseguido estabelecer algumas parcerias “com o outro lado do muro” que separa São Remo da USP. Desde 2013 participo das reuniões mensais na **Rede Aproxima-Ação** que é um programa da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da USP, que faz parte do Núcleo de Direitos da USP e que busca promover a cidadania e garantir os direitos de crianças e jovens do bairro do Jardim São Remo que vivem situações sociais vulneráveis. Para isso, o programa visa a ser um espaço de interlocução entre os diversos projetos e as diversas ações da Universidade e as demandas sociais, de modo a articular e dar suporte a atividades de formação e inclusão social por meio de ações. Através do Aproxima-Ação fomos apresentados para o **Paço das Artes**, e participamos do Paço Comunidade. O **MAE (Museu de Arqueologia e Etnologia)** realiza um trabalho bastante



A oportunidade de ter participado deste curso, contribuiu muito para a minha atuação tanto nos atendimentos às queixas escolares com as crianças, como com seus respectivos familiares e educadores. Conforme foi descrito neste trabalho, as aulas teóricas, os textos lidos, a prática nos atendimentos, as supervisões e a interação com os colegas do curso foram importantíssimos em todo esse processo.

Desta forma, creio que a Extensão Universitária cumpre o seu papel quando disponibiliza cursos como este, democratizando o saber acadêmico, contribuindo com a sociedade, para que essa seja melhor e mais igualitária.

Em relação ao Estudo de Caso, penso na canção que citei acima “*O poeta aprendiz*”, que assim como o poeta, E. também tinha dez anos. Mas diferente do poeta que “*achava bonita a palavra escrita*”, esse menino ainda não entendia as letras, as palavras, e portanto não tinha como achá-la bonita.

Entre E. e o menino da canção, encontro muitas semelhanças, como “*seu corpo moreno vivia correndo, pulava no escuro não importa que muro*”, mas também tantas diferenças quando o poeta descreve que o menino percebia o amor em sua vida “*amava era amar*”. E. dizia que ele achava que ninguém gostava dele.

Penso que com dez anos todo menino é um potencial aprendiz de poeta, de escritor, de jogador, de leitor, dependendo das oportunidades que oferecemos a ele e de que maneira as fazemos.

Diante das pesquisas, da literatura, sabemos quantas crianças ainda não conseguem aprender na escola. Deparamo-nos com tantos preconceitos e justificativas para este fato.

Crianças pobres e negras estigmatizadas como portadoras de deficiências intelectuais e afetivas por fracassarem num sistema escolar ineficiente. [...] São mensagens arremessadas em cena pública: a escola, o trabalho, a cidade. São gestos ou frases dos outros que penetram e não abandonam o corpo e a alma do rebaixado (GONÇAVES FILHO, 2015 p. 195 e p. 196).

Neste cenário, trabalhamos mais conscientes agora destas questões que atravessam a escola, o professor, o sistema educacional e a nossa sociedade. Conscientes também do potencial que existe nos familiares, nos professores e na própria criança.

Potencial esse que também reconhecemos em nós profissionais. As condições que são significativas com as crianças do Espaço Girassol. Esta parceria acontece deste que o Girassol trabalhava com a Educação Infantil. O **CINUSP** Paulo Emílio é uma sala de cinema gratuita e aberta ao público em geral, localizada no campus da capital, na Cidade Universitária. A programação é variada, contando com mostras temáticas produzidas por professores e alunos da universidade, seminários, debates, cursos, pré-estreias e parcerias com festivais de cinema. (<http://www.usp.br/cinusp/>).



encontramos muitas vezes são bem adversas. É difícil olhar para a pobreza, para as desigualdades que existem em nossa sociedade que são tão gritantes.

Como diz outro poeta “Oh! Mundo tão desigual. Tudo é tão desigual. [...] A novidade era a guerra entre o feliz poeta e o esfomeado”³ .

No entanto, trabalhamos, estudamos, utilizamos nossa escuta, nosso olhar, nossas mãos e nosso afeto para que as crianças que encontramos, crianças essas que não aprendem na escola, possam um dia sonhar e realizar seu sonho, assim como o menino poeta: “Sonhando o poeta que quem sabe um dia poderia ser”.

³A *Novidade*, música de Gilberto Gil.



5 BIBLIOGRAFIA

ANGELUCCI, Carla Biancha; LINS, Flávia Ranoya Seixas. **Por uma clínica da queixa escolar que não reproduza a lógica patologizante.** In: SOUZA, Beatriz Paula. (Org.). Orientação à queixa escolar. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015, p. 353 – 378.

ASSOCIAÇÃO METODISTA LIVRE AGENTE. Missão da instituição. Website institucional. Disponível em www.agente.org.br. Acesso em 16 jun.2017.

GONÇALVES FILHO, José Moura. **Humilhação Social, Humilhação política.** In: SOUZA, Beatriz de Paula (Org.). Orientação à queixa escolar. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015, p. 187-222.

MACHADO, Adriana Marcondes; AZEVEDO, Laura Albuquerque. A Atividade de Extensão Universitária, o Jardim São Remo e uma Instituição Educacional – Desafios na Criação de um Campo Comum de Trabalho. **Revista Cultura e Extensão USP**, São Paulo, Universidade de São Paulo, n. 13, Maio, 2015.

MACHADO, Adriana Marcondes; SOUZA Marilene Proença Rebello de Souza. (Org) Psicologia Escolar: Em busca de novos rumos. 4ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

MARCONDES, Adriana; AZEVEDO, Laura Albuquerque. A atividade de Extensão Universitária, o Jardim São Remo e uma Instituição Educacional - desafios na criação de um campo comum de trabalho. **Rev. Cult. e Ext. USP**, São Paulo, n. 13, p. 85-95, maio 2015.

MATUDA, Fernanda Guinoza. CORDEIRO, Rita Akinaga (coord.) **Delinearte: costurando histórias.** 1ed. São Paulo: Associação Metodista Livre Agente, 2016.

MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso: A Institucionalização Invisível – crianças que não aprendem na escola. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001.

PATTO, Maria Helena Souza. **A Produção do Fracasso Escolar.** São Paulo: T.



A. Queiroz, 1990.

PECCI, João Carlos. **Toquinho, nomes do Brasil**, Duna Duetto Editora, 2004.

ROCHA, Ruth. **O menino que aprendeu a ver**. 2 ed. Quinteto Editorial, 1998.

-----, **Nicolau teve uma ideia**. 15 ed. Quinteto Editorial, s.d.

SOUZA, Beatriz Paula. (Org.). **Orientação à Queixa Escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

-----, Beatriz de Paula. **Funcionamentos escolares e a produção do fracasso escolar e sofrimento**. In: SOUZA, Beatriz Paula. (Org.). *Orientação à queixa escolar*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015, p. 241-278.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Sistema Integrado de Bibliotecas da USP. Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP: documento eletrônico e impresso Parte I (ABNT). FUNARO, Vânia Martins Bueno de Oliveira (coord.). 3 ed. rev.ampl. São Paulo: SIPiUSP, 2016.



ANEXO A – O POETA APRENDIZ

O poeta aprendiz

Composição de Toquinho / Vinícius de Moraes

Interpretação de Adriana Calcanhotto

Ele era um menino
Valente e caprino
Um pequeno infante
Sadio e grimpante
Anos tinha dez
E asas nos pés
Com chumbo e bodoque
Era plic e ploc
O olhar verde-gaio
Parecia um raio
Para tangerina
Pião ou menina
Seu corpo moreno
Vivia correndo
Pulava no escuro
Não importa que muro
Saltava de anjo
Melhor que marmanjo
E dava o mergulho
Sem fazer barulho
Em bola de meia
Jogando de meia-direita ou de ponta
Passava da conta
De tanto driblar

Amava era amar
Amava Leonor
Menina de cor
Amava as criadas
Varrendo as escadas
Amava as gurias
Da rua, vadias
Amava suas primas
Com beijos e rimas
Amava suas tias
De peles macias
Amava as artistas
Das cine-revistas
Amava a mulher
A mais não poder
Por isso fazia
Seu grão de poesia
E achava bonita
A palavra escrita
Por isso sofria
De melancolia
Sonhando o poeta
Que quem sabe um dia
Poderia ser